ONIROCRICIA TECNOXAMÂNICA\*

que loucura

a arte dos sonhos

nos impressiona

que lá esteja

tudo o que escapa

à crítica

à moral

ao julgamento

da razão

que repousa

Sonhei com um poema ou um livro ou um conto que nunca acabava.

Começava do meio, ia para o começo e recomeçava na penúltima frase.

O plano de fazê-lo, o livro, o conto ou poema.

Era a potência que me consumia em êxtase por horas...

Mas não quero uma sombra,

Não suporto meu nome, meu corpo, meu eu,

Quanto mais um livro...

Sonhei que dançávamos com um corpo coletivo em um Parangolé que mais parecia uma Rede Social.

Sonhei que estávamos em uma festa, orgia. Pequenas janelas de vidro em uma casa vazia. Sol e cascalho. Sonhei que um colega de trabalho entrava no meu quarto, em minha ausência, ele se usava da piada como forma de assédio. Estávamos no encostamento de uma rodovia, víamos carros, árvores e um acampamento de artistas com redes e malabares, a polícia nos interpelava repetidamente.

Dormi com a cara pra lua no dia do eclipse\_ quando começou a desfazer, dormi e sonhei que da janela que via o eclipse, surgia o fluxo e refluxo de um tsunami, vi umas três cenas e na ultima estava onde a minha visão olhava, no meio cercado por

duas grandes espumas que convergiam a mim, num deu pra sentir medo e o sonho saiu.

Sonhei com os olhos feiticeiros de índia da minha mãe que se chamava Iracema. Só os olhos dela estavam iluminados, todo o resto era escuridão. Eu me reconhecia nos olhos dela. E às vezes eu não sabia se era ela quem eu via ou se era eu... Depois sonhei que estava numa vila dessas sem asfalto, no ermo. Entrei numa sala enfeitada por bandeirolas, o dia tinha uma cor de foto antiga. Um reisado, um coco, algum desses ritmos tocava e eu dançava. João Miguel, aquele ator, dançava com as costas grudadas na minha.

Sonhei que estávamos na sacada de um prédio onde assistiríamos a um cortejo, temia ser pressionada pela multidão contra uma grade duvidosa. Queria estudar, no meio da confusão, encontrei uma amiga no elevador e ela disse que poderíamos estudar na casa dela. Uma banca que avaliava meus projetos trabalhava como se estivesse em uma igreja. Uma menina estava conosco em um térreo e olhávamos para o piso superior, depois ela subiu e começou a jogar uns objetos embaixo, ela não nos via mais, era egoísta.

Sonhei que estava em uma fila com uma amiga, nos aproximamos de uma van branca e um rapaz me deu uma senha de número 6, ele indicou uma direção e demos a volta para trás da van, logo perto de uma casinha, no chão estava o número 6 escrito em cal branco, era uma cova e havia um caixão vazio, não havia nenhum tipo de decoração no lugar, eu sabia que a cova era minha e que quem deveria me enterrar seria a minha amiga, ela devaneou um pouco e enrolou para fazer, eu aliei isso ao meu medo de ser enterrado, afinal de contas eu ainda estava vivo, e não me enterrei.

Sonhei com um amigo cineasta, ele estava na frente de um computador, dizia para ele que com a segunda pele que minha mãe me deu poderia fazer uma performance como Marina Abramovic. Sonhei que estava oprimida pela minha família e planejava sair de casa mas era muito apegada àquela zona de conforto. Fazia contato-improvisação até gritar. Um amante vinha me encontrar e perdia o ônibus. O protagonista de um filme nosso estava com uma calça e paletó xadrez, e dizia ter encomendado de Brumado-BA. Eu dizia para ele que era possível compor um estilo de forma bastante simples, que minha mãe já havia costurado as minhas ideias. Carregava uma amiga no colo com medo de um percalço que parecia falso, iríamos dividir uma sobremesa, mas apareceram dois potes cheios de pudim, manjar e caldo de ameixa, éramos muito gulosas.

Previa que seria sequestrado. Aconteceu, dois adolescentes que não conseguia visualizar o rosto, fui levado para casa simples, uma casa de interior, as paredes eram construídas de adobes de barro branco, um dos meninos me levou no banheiro pensei que poderia me salvar saindo por uma janela pequena, ele tirou o pênis, me obrigou a fazer sexo oral nele, fiquei com muito nojo pois pulsava um líquido que não sabia se era sangue ou secreção de pus.

Eu era o sabotador, pessoas de capa preta e chapéus pretos longos que continham tecido que cobriam os rostos eram vizinhos, porta frente porta, em beco pequeno que só continham as nossas casas, de algum modo, nossas casas se entrelaçavam, cheias de passagens. Eu invadia o que seria a casa do vizinho sem sair de minha casa, e implantava um pacote, eles me procuravam, mas nada viam, eu me movia com braços, pernas, cabeça, sentia o cabelo que saía da boina que eu usava batendo em meu ombro, meus olhos eram as lâmpadas e o buracos dos cantos das parede, eu era quase tudo ali. Depois de muita perseguição quase todos deles sumiram. Um de traços familiares apareceu e transamos no banheiro úmido, no chão do chuveiro que estava desligado, mas tudo estava encharcado. Eu tinha o aspecto de uma criança de onze anos de idade...

Sonhei que uma mulher entrava na minha casa pelo teto de vidro com telhas esparsas e blocos pendurados que podiam cair em cima da minha cabeça a qualquer momento. Sua entrada era invasiva e ameacei chamar a polícia. Estávamos em uma casa onde estaria acontecendo um encontro ou festival, havia dois rapazes viajantes e convidava um deles para fumar cachimbo comigo. No quintal, eu e outras meninas fazíamos land art com uma amiga burlesca.

Sonhei que estava com um amante, havia um pedaço de camisinha na minha boca.

Sonhei com uma dupla de artistas em uma galeria. Ele se preparava para performar e ela o ajudava. Ele se enrolaria como uma múmia em uma Rede Social que era branca e fininha e se desenrolaria até ficar nu.

Estava em um recinto com teto alto, tinha uma televisão antiga na minha frente...a imagem de um monge budista ateando fogo no próprio corpo era exibida... o local era imenso, conseguia me ver em terceiro plano... alem de minha cadeira existia mais outra ao meu lado, estava vazia... tinha uma porta marrom arrodeada de paredes brancas, ela estava fechada... 10 minutos de imagem contabilizada pelo tempo onírico tinha se passado, o monge budista ainda estava na mesma posição, com o fogo por todo o corpo... de repente entra um homem esguio com um charuto na boca, a brasa era bastante alaranjada... sentou na cadeira do meu lado... tive a impressão que esse homem era Bertold Brecht... 2 minutos sentado ao meu lado e o fogo começou a sair da tela e queimar a televisão, depois queimou o quarto, depois comecei a pegar fogo junto com meu companheiro do lado... de novo surge a visão dessa cena em terceiro plano... como num recurso do google maps a visão foi se afastando, o recinto visto de cima estava em cima no mar... o fogo e a água juntos faziam uma dança dos elementos da natureza.

Sonhei que estava em um terreno baldio e tinham enormes pimenteiras, com pimentas grandes e vermelhas. Colhi e plantei mais.

Sonhei que peregrinava com outras pessoas, homens, por um deserto onde havia cana-de-açúcar. Sabia que estávamos fugindo de algo. De repente tive a sensação de que esse algo estava perto porque escutei gritos e uma fumaça atrás do nosso grupo. Começamos a correr por dentro do "canavial" e pulamos em um rio/praia. Nadei com muita velocidade até encontrar outros 3 homens no meio do rio, gritando e dizendo que não era pra eu ir para onde eu estava indo. Eu disse que de onde vim estava horrível e então nadamos, também com muita velocidade até a beira da praia. Enquanto nadávamos, vimos a coisa, cobra gigante, cor ocre e pintas pretas, cabeça grande. Chegou na beira da praia ao mesmo tempo que nós. De repente estava eu sozinho, vi a cobra deslizar muito rápido sobre a água e ficou tudo preto. Ela mordeu minha coxa com sua boca que era maior que eu. Abri o olho e estava numa escada, de uma antiga casa onde morei, parecia os bastidores de um show. Encontrei a cantora Rihanna, com cara de abatida e ela me mostrou a marca também na coxa da cobra. Ela me explicou que a cobra fez isso para mostrar que o sucesso dos famosos é a cobra quem dá e eles não deveriam esquecer disso.

Sonhei que era hóspede em uma casa de família. Um garoto dirigia um carro veloz, havia pneus no meio das ladeiras e curvas. Me aproximava de uma criança, ela chorava e derramava leite no tapete branco. A levava para passear, íamos a um museu que podia, também, ser um anfiteatro, e que depois eram dormitórios ocupados, com móveis coloniais. Andávamos silenciosamente para não acordar os que dormiam. Uma amiga de um amante me emprestava um dinheiro e sentia gratidão por ela.

Sonhei que eu era fascista, racista, machista e intelectual. Sonhei que eu negava mais Freud do que me conhecia. Sonhei que caminhava nas vielas mais estreitas do Alto Maron, cheio de sacolas do shopping Conquista Sul. Sonhei intensamente que eu dividia as pessoas entre negros e brancos. Sonhei que tinha ganhado o edital da FUNCEB. Sonhei... sonhei que a polícia invadiu minha casa e os amigos que estavam comigo no momento não entendiam as palavras de ordem da polícia, tudo era dito num idioma estranho, mas eu entendia. Sonhei que eu era feliz com a vida, que estava tudo bem. Sonhei que o deus digital tinha sido crucificado e eu tinha curtido. Eu acho que foi sonho... sonhei que o ressentimento não existia. Sonhei que poderíamos não ser ressentidos apenas dizendo que o ressentimento existe. Sonhei também que eu poderia ser um super-herói burguês e salvar o mundo com um cartão de crédito. Sonhei agora!

Estávamos todos em uma festa, até que houve uma pausa, pois o palco precisava mudar de posição, a música não parou, o celular era mais alto que as caixas amplificadoras, dançávamos até descobrir que nosso amigo tinha uma máquina de trazer tudo, embaixo da cama, na praça, ele trouxe monstros, astros da musica e centenas de cobras para nossa festa, mas quando ele trouxe uma muda de uma planta azeda, tudo azedou, todo mundo parou de pedir coisas azedas, a máquina parou de funcionar, e ele ficou azedo por não poder trazer outras coisas para todos na festa...

Estava num supermercado e pressenti algo de ruim e aconteceu, um jovem negro estava armado e anunciou a revolução, em pouco tempo havia uma grande confusão instaurada, uma cena violenta com tiros e helicópteros, consegui me refugiar na área privada do mercado, numa sala subterrânea encontrei uma janela onde pude sair dali, a rua também estava tomada por homens que gritavam ode aos burgueses, policiais com cavalos nas ruas, agitação e violência, eu estava com medo, entrei numa trincheira e conheci um policial, saímos dali por uma rede de túneis, estes foram se transformando em corredores de favelas, fomos parar num bairro pobre e lá decidimos que nos camuflaríamos entre os moradores e viveríamos como um casal...

Sonhei que estava em uma construção abandonada, minha imagem refletia dentro de uma poça de sangue. Me lembrei que estava com um amigo, daí que percebi que o sangue era dele, tinha sido cruelmente assassinado a pauladas. Não senti culpa, mas enxergava o sangue em minhas mãos.

Sonhei que fazia aulas de violino com um amigo, as crinas estavam soltas, o que impossibilitava a música. Nos desejávamos e trocávamos carinhos na medida em que permitiam nossas condições de privacidade. Mais jovem, morava com meus pais em Caetité-BA, vi minha mãe saindo sorrateiramente com minha bicicleta. disse para ela que iria viajar e talvez não voltasse, que ela podia vender a bicicleta, ela não deu importância, meu pai montava um álbum de família e rasguei as minhas fotos. Andava pelas ruas de Arraial D'Ajuda em companhia de uma presença feminina, como uma irmandade, sentia-me oprimida pelo turismo na vila.

Na última noite sonhei que estava com Edith Piaf, ainda nova, em uma barraca de *campping* para um anão, em uma rave na praia dos Marcianos, em Ilhéus. Falávamos sobre o fim do Oscar e qual premiação ocuparia o lugar da Academia (ela dizia que o Festival de Cannes, e que este não deveria se comercializar "tanto"). Enquanto isso, eu a observava injetar cocaína na veia.

Sonhei que mergulhava numa cachoeira e descobria em seu leito muitas joias, a cachoeira formava em intervalos de tempo uma onde gigante, que antes de quebrar revelava mais joias na areia/// que vendia esses e outros adornos (adorno não é enfeite, rs) no capão junto com meu namorado, que era um japonês, e num vacilo levaram todas as nossas coisas///sonhei que flanava com uns amigos na noite de Conquista, procurando alguma festa pra ir, passando pela praça Tancredo que é toda arborizada, encontramos um cachorro branco hostil, meus amigos logo se livraram dele, eu demonstrei medo e ao tentar me proteger com o braço levei uma mordida na mão, ou não, acho que nesse momento acordei assustada e editei meu sonho, meus amigos o enxotavam nessa hora/// depois sonhei que cuidava de um rebanho de touros chifrudos, e de novo demonstrei medo, ao que um deles, muito bravo tentou me chifrar, mas eu pulei a cerca da fazenda que devia ter uns 2 metros.

Sonhei que D. L. pariu um gato, são tantos os animais nessas simbologias todas.

Sonhei que havia uma nova taxa em minhas contas do mês. Um amante e uma amiga produziam um romance entre si. Um casal, que eram meus pais, trocavam carícias que se estendiam até um bebê.

Sonhei que andava em um carro desgovernado e sem freios, éramos três mulheres.

Sonhei com bruxas, rainhas, sadomasoquistas, estupros e palhaços em espaços baldios. No quarto em que dividia com a minha irmã, amplo, mudávamos a mobília de madeira, eram duas camas, um guarda-roupa, uma cômoda e um piano infantil.

Sonho de época, uma dama sonhava na janela de um casarão. Casa dos meus avós, eles serviam refeição para homens, romeiros e viajantes.

Sonhei que escrevia textos anônimos para as universidades. Morávamos na casa dos meus avós, ampla, algumas gerações se encontravam. Tinha um amante. Minha irmã o seduzia. Ela era criança, adolescente, cínica e pirracenta. Histérica, eu dizia para meus pais que as pessoas são perversas independente da idade, raça, gênero ou classe social, meu pai concordava comigo.

Sonhei que era aprovada nas primeiras fases de uma seleção para doutorado no Rio de Janeiro, sentia uma nostalgia do presente que não me parecia ruim, compartilhava a notícia com alguns amigos que acompanhavam o meu percurso, morava na última casa de uma vila, eles me pediam para voltar para casa, voltávamos diversas vezes pela curva de uma estrada de chão alagada, havia esquecido a porta de vidro da casa aberta e os vizinhos não deram pela minha ausência, devido ao meu silêncio habitual, preocupava-me com o computador pessoal. Sonhei que morava com meu pai e ele era alcoólatra, era noite e ele havia saído de casa, pesquisava o contato das minhas amigas da adolescência em uma agenda telefônica, para passar aquela noite na casa de uma delas. Um casal de lésbicas em um quarto amplo e arejado da casa de um sítio, uma era ninfomaníaca e se mutilava lançando contra o chão o seu corpo cheio de instrumentos de ferro acoplados, enquanto a outra partia. Estávamos na universidade e exibíamos um filme, mas o público parecia desinteressado, então desistimos do projeto. Encontrei um casal de amigos, ela estava grávida e felicitei os três com um só abraço. Sonhei que era perseguida por um homem depois de uma festa, entrei em um táxi e o motorista também era um homem que já havia me perseguido em meu trabalho, depois de um histórico de violência a uma outra colega, na vida real, tentava não demonstrar o meu medo e conhecimento de causa, curiosamente ele já sabia meu endereço, o dispensei enquanto trancava a grade de ferro com corrente e cadeado, temia que ele retornasse sem que fosse chamado.

Sonhei q estava junto com amigos e conhecidos jogando futebol. Não me lembro do rosto de um sequer. Participaríamos da Copa do Mundo em uma categoria amadora, nosso plano era de sabotagem. Estávamos todos em uma casa simples e um pouco antiga, um sítio, no Sertão, a luz era amarela e ao redor da casa haviam muitas árvores dispersas, verdes e floridas. Uma mascate se aproximava carregada de coisas nas costas, arqueada, em movimentos ora deslizantes, ora estáticos. No princípio pensávamos ser uma velha louca com suas bugigangas e isso despertava uma curiosidade medrosa no grupo. Assim que a mulher chegou mais perto, vi que era uma jovem coreana que conheci em Corumbá que havia vindo de férias há alguns anos e se tornara artesã e viajava sem rumo definido pela América Latina. Em suas costas estavam seu banjo e sua flauta. A recebi com alegria e ela me reconhecera. Me pediu para tomar banho e se poderia lhe dar shampoo. Disse que ela podia usar o que estivesse no banheiro mesmo não sendo minhas coisas. Ela disse que precisava de três shampoos. Nós olhávamos, ela com olhar cansado, a desejei como havia desejado quando nos conhecemos no mundo desperto. Analisei meu desejo durante o sonho e vi que era apenas sexual e que não deveria seguir adiante pois ela parecia vulnerável e talvez ficasse comigo apenas por um pouco de conforto.

Sonhei com chocolates, tintas e um por do sol. Acordei e comi um chocolate que ganhei de um bem, pintei um por do sol e minhas mãos estão cobertas de tintas.

Sonhei que tentava me comunicar com um meu amante, via internet, ele comia chocolates e se masturbava na cama de casal de um quarto de hotel, havia falhas de conexão, presumia que, ali, ele tivesse encontros íntimos com as suas amigas.

Sonhei que uma amiga me pedia para levá-la até uma cachoeira, estávamos de bicicleta na fronteira entre uma rodovia e os campos laterais de terra com vegetação rasteira.

Sonhei que andava por um enorme quintal cheio de árvores e terra úmida, uma amiga que me mostrava como as plantas de *cannabis sativa* nasciam espontaneamente junto com as espadas de São Jorge.

Sonhei que procurava uma casa em que morava há alguns anos, e que estaria a venda, a pedido de uma colega, encontrei a casa que parecia uma outra que morei na infância, estava sem portão e pude avistar os novos moradores, pelo menos um homem e uma empregada, louças tintilavam, a casa estava preenchida com muitos objetos de decoração, rica, via o ambiente interno através de grandes portas de vidro, madeira e cadeados, durante o sonho pensava que morei sozinha naquela casa quase vazia, com um grande quintal improdutivo, meu corpo era incapaz de habitá-la, a rua era silenciosa, olhava para o céu e ouvia os pássaros, era dia. Encontrei uma câmera fotográfica que era de uma amiga que havia me pedido para buscá-la nessa casa, vi as imagens, via a cabeça dessa moça de costas, ela era uma atriz, e várias imagens de uma pena, com pouca resolução. Homens e mulheres me acusavam de um erro em um ambiente de trabalho hostil e concorrido. Entrei em uma sala de aula, ampla, clara, havia no quadro branco uma série de exercícios de química, estavam todos concentrados e eu havia sido surpreendida. Sarjeta, andava pelas ruas com reservas da polícia. Uma criança me seduzia como se fosse Lolita, uma senhora cuidava dela. Uma sacola com colheita de urucum de vez, no ponto ideal para tintura.

Sonhei que estava sendo pressionada pela minha família por hospedar em sua casa uma amiga criminosa. Ela era uma artista negra e seu crime ainda não tinha uma repercussão social. Nós duas estávamos desassossegadas com a situação, e ao mesmo tempo passivas, sentia-me culpada pela cumplicidade do meu gesto. Havia um cachorro e manchas de sangue. Havia malas e instrumentos musicais, atrás da porta. Ainda sob esta tensão recebia amigos no pequeno quintal da minha casa, conversávamos em roda e tínhamos contato corporal. Em um prédio, eu fugia pelos elevadores e escadas, como um labirinto. Corri para pegar um ônibus que estava quase vazio e segui.

Sonhei que ondas gigantes confortariam a nossa existência aqui na Terra. Seria um grande alívio a eternidade do mar!

Sonhei que estava visitando a cidade do Foucault e espaço de memória dele. Era uma cidade com chalés e rua de pedra. Eu estava num carro com mais gente quando cheguei e as pessoas estavam com pressa de ir embora, então pulei do carro, voltei e entrei no lugar principal de memória do Foucault. Achei que ia assistir algo, mas quando vi era minha vez de entrar num palco bem grande que já estavam outros visitantes. Aí entendi que o lance era chegar lá e improvisar a peça que quiséssemos. Quando eu entrei o tom era de comédia. Havia uma mesa grande, antiga, todo mundo comia *pizza* e conversava sobre o Foucault. Eu pulei uma cadeira, fiz graça e peguei um pedação bem gostoso de *pizza*. Eu falava num tom de voz meio forçando o humor. Não vi o público em momento algum, mas sempre sentia que estava sendo assistida.

https://ssl.gstatic.com/ui/v1/icons/mail/images/cleardot.gif

Estava num carro, D. dirigia. atrás de mim, como passageiro de um táxi, o papa atual, estávamos tranquilérrimos, eu e Diego Maradona, e conversávamos sobre algo *relax* enquanto diversos carros de polícia passavam ao nosso lado, por fim, chegamos num hospital onde nascia o filho de D., Otto (de trás pra frente), e eu apresentava D. a outro cara que era ele mesmo. Transei com meu pai vorazmente na mesma noite.

Sonhei que tomava uma autovacina para imunização total, oferecida por uma jovem mulher, em uma cumbuca, dentro de uma roda, na linha do horizonte, falésias gigantes, ritual de cura, viva a homeopatia e a integridade do corpo!

Sonhei duas coisas massa essa semana.... 1-estávamos num *hacklab* e a gente fez umas asinhas de drones e colocou nas espaldas e saíamos voando e dirigindo nosso próprio voo, o barulho era bem diferente no ouvido. 2- tava um amigo com sua filhinha de uns 10 meses no colo olhando para o nada e eu disse, o que vcs estão fazendo? Ele disse, tomamos um ácido, estamos viajando, daí eu abri uma garrafinha de água e dei para a menina na tampinha.

Sonhei com os sonhos do menino de luz, todos deixavam a sala de teatro enquanto ele fazia anotações, sentado de borboletinha em um tablado.

En los últimos tres días he tenido sueños fuertes y muy vívidos, sin embargo me acuerdo de poco después de despertar ... Primero, me estaba perdiendo por las redes de alcantarillado de una ciudad grande y extraña - estaba buscando algo que necesitaba para hacer algún sacrificio en algún ritual- había como alcantarillas grandes para transportar las personas y pequeñas para transportar las ideas. Segunda noche, soñe que estaba en una antigua escuela de internado - había muchos amigos míos allí, y teníamos que ir preparando algo, tal vez también un ritual, alguna cosa importante. Y esta noche, soñe con las canciones en un CD brasileiro que conseguí ayer - "Tum tum tum" por Dea Trancoso; y soñe que estaba en una ciudad extraña, tal vez la misma ciudad de la primera noche, la arquitectura era como una mezcla de todas las ciudades mas locas que vi aqui en Europa; iba en el autobus y llegué a un barrio nuevo que antes era una favela, pero ahora se había modernizado - y los habitantes estaban protestando mucho, diciendo que con la modernización todo había quedado mucho peor ... había una voz en mi cabeza diciendop que la ciudad era Salvador de Bahia, ciudad que nunca visité, pero la impresión arquitectónica era de una ciudad europea.

No Hipnopompico sonhei com Leslie García e Paloma López, influenciada por essa reportagem "La música de las bactérias" que elas tinham feito um experimento com bactérias que saiu totalmente do controle delas, e se tornou uma espécie de epidemia de alto poder de mortalidade, que atacava máquinas e humanos, elas estavam desesperadas e escreviam para as redes de hackativismo pedindo ajuda para o pessoal, pois não sabiam como conter, nisso vários *hackers* do mundo que se interessaram foram morrendo, porque o vírus passava da máquina para o humano e vice versa e morriam também cientistas de uma empresa de fármaco muito rica, que não sei qual é... Foi sinistro, todo mundo tinha que usar máscara.

Eu sempre sonho com uma estrada que tem vários aspectos ou lugares que se repetem, e tem alguns lugares ao longo dela, e eu sonho sempre com um pedaço ou um lugar desse, que nunca é o mesmo. Um desses lugares é O VIADUTO. Um viaduto que varia muito, mas sempre acontece, é uma auto-estrada que vai por uma reta enorme aí tem uma baixada e por ela passa um viaduto, às vezes está em construção, às vezes é desesperador, assustador, eu não consigo sair, ou vou para um lugar, ou para outro, mas sempre passo por ali. E nesta noite eu sonhei que ia pela estrada e chegava a descida enorme e o viaduto, eu continuava numa boa velocidade e aí pegava uma saída, passei por baixo da estrada e plim! estava num caminho certo e ia direto para uma escola onde estava estudando, era uma escola militar mas eu gostava dela. Pronto.

Sonhei com as imagens de Diego Velázquez como interferências oníricas.

Estava num sitio bem maior que o que eu moro agora, com todos meus amigos do mundo reunidos, andando por uma casa achei muitos porta CDs meus antigos, comecei a abrir e dentro de cada um saía uma memória, uma foi eu a C. e a L. com 16 anos num acampamento, com cara de sono esperando uma comida ficar pronta, e outra era uma foto minha vestida com uma saia longa preta, uma camisa e um xale branco por cima, o rosto pintado, feliz com uma cruz de Santo Daime brilhante na mão, essa foto eu via como foto mas eu tava dentro dela também.

Fui pra Porto Alegre com K. e ficamos na casa da mãe de uma amiga que era em cima de uma companhia de teatro numa escadaria que eu não conhecia quando morava la, muito bonito, aí que dormindo acordei durante a madrugada e vi minha amiga na cama ao lado transando com uma menina linda, com as mãozinhas amarradas, adorei fiquei com vontade e fui no outro quarto buscar a cinta pau da L. que dormia lá, aí que peguei e não conseguia encaixar o pau no cinto, entrei num quartinho que tinha a luz acesa pra pedir ajuda, aí que eu conhecia o cara que tava lá e a gente começou a se pegar e ele disse nossa mas esse pau é pequeno e começou a enrolar carne pra aumentar ele, era tipo cartilagem ou pele de frango, não sei, mas eu não sentia nojo, apenas tesão.

Eu tinha um segredo com o V., era que nós encontramos deus e eu comecei a ficar com ele para assassiná-lo, a arma ia ser um óculos de grau, mas eu ainda não sabia como faria, foi tenso, o bom é que eu também tinha tesão em Deus, mas sem perder o foco da missão, um dia antes do grande dia fui a casa do meu pai visitar meus irmãos e pegar energia positiva deles, no dia seguinte Deus transformou um bar podreira ao lado da casa dele em um bar azul bonito, eu sentia que ele não desconfiava de nada e gostava de mim. Deus era careca, mulato e muito belo.

Estava num castelo com C. e E. e muitas pessoas, na frente tinha um prédio tipo castelo, muito antigo meio quebrado dava pra ver as pessoas dentro  
e ele desabou e a gente viu tudo/corta/ eu e E. e uma mina numa floresta numa piscina natural maravilhosa, meio lago de ninfas, e E. ficando com essa mina e eu muito incomodada pensando que C. não ia gostar disso mas em dúvida porque não sabia o acordo entre eles. /corta/ eu num avião, dentro de um prédio fazendo manobras pelo corredores, as asas ficavam curtas para se adaptar, tive um filho e estou com o bebê no colo, ele é branco e vai mudando de cor ate ficar negro e loiro, quando chego em casa ele é um gato daqueles rajados preto e amarelo.

sonhei que eu era uma peça orgânica cheia de linhas lindas de repente eu era um homem negro e corria dentro dessas linhas que eram uma estrada, passou alguém e me deu um tiro na perna, eu segui correndo e passou um grande ônibus com um pai e um filho dentro que me ajudaram e levaram pra um hotel vazio no topo da montanha da estrada, que era praia, e eu sabia que era o centro do orgone, voei para o mar e lá tinham as maiores ondas que já vi, a cor da água era como esmeraldas e a espuma muito, muito branca, eu entrei no mar, a densidade da água era outra, foi a melhor sensação do mundo, como se não houvesse nada a temer no mar.

eu fui visitar uma amiga com quem estava meio brigada, cheguei na casa dela que era alta com uma escada tipo uma casa na árvore parecia, e eu cheguei lá e ela espumava de raiva e disse que ia me acusar de ter estuprado o pai dela, enfiando pedaços de grama no ânus dele, então ela jogou evidências em mim e disse que agora eu ia me dar mal para sempre, que ela jogou as provas em mim, então eu morri e virei uma alma e eu olhava pra ela e perguntava porque ela tinha feito aquilo muito exasperada, empurrei ela que caiu da árvore e quando caiu no chão saíram do bolso dela uma série de joaninhas e alfinetes, muitos abertos com as pontas a vista, no chão, eu segui perguntando porque ela tinha feito isso e fiquei muito triste, encontrei diversos grupos de amigos e minha família, eu via eles e não conseguia me comunicar porque eu era uma alma apenas agora, e eu chorava muito porque não podia mais participar das vidas deles, então fui pra um facebook de almas e conversei com outros mortos, um deles meu primo, que tinha morrido pouco antes de mim e me chamou pra ir com ele ao próprio funeral.

Estávamos na cama da minha mãe que logo virou o terraço do M., comecei a transar com uma amiga e eu colocava os dedos e ela me guiava como se estivesse dando um treino ou uma aula, muito séria, "me vira", "à direita", "não, não, não, você está fazendo errado", tudo muito articulado e totalmente descolado de qualquer clima erótico/sexual, parecia auto escola.

Eu tava em casa e de repente ela começou a se mover, como um barco numa tempestade no mar, eu e minha irmã arrastávamos os móveis pra lá e pra cá procurando estabilizar, dava pra ver a casa se soltando do resto do prédio, como meu apartamento é no térreo, parecia que ele se dissociava do resto e ia caindo poeira e quando estabilizávamos com as mobílias parava um pouco o movimento e logo começava de novo a chacoalhar como se fossem marolas gigantes passando e o frizz frizz frizz era o som das paredes desconectadas arrastando no teto, saímos correndo e encontramos minha mãe do lado de fora do prédio, ela fez uma cara de descaso como se estivéssemos fazendo muito barulho por nada e entrou calma e altiva no prédio e depois no apartamento aí ele começou a mover e eu falei pra ela “viu, como é sério”, então ela sumiu e apareceu meu irmãozinho de seis anos que no sonho tinha uns quatro, que vinha do meu quarto, usando uma camiseta minha de camisola, todo suado de recém acordado com os braços pra cima me pedindo colo, eu tirei ele dali e acordei.

Sonhei que estava na Rússia com a C., tava MUITO frio e passávamos o dia dentro de um apartamento fazendo café. O Elliot tinha um apartamento só dele num prédio tipo o COPAN só que muito maior que o COPAN, a gente também tinha nosso apartamento lá, mas nunca íamos no nosso, a gente estava sempre no do Elliot porque era maior, a W., o vovozinho e a gatinha do T. estavam hospedadas com ele! A L. também estava no sonho mas ela sumia e aparecia, às vezes ela era a E., a gente ia voltar de ônibus pra casa mas a C. tava enrolando demais para arrumar as malas, então eu pensei "ah ela só quer ficar aqui com o Eelliot" e desencanei de voltar também, e ficamos lá em um colchão enorme cheio de cobertas deitados, os três vendo um documentário numa TV de tubo muito velha.

Tinha show do Tame Impala e eu ia pagar 1000 reais pra ir, eu não sei por que, passei o sonho todo fazendo contas de câmbio de porque um show de 150 reais estava custando 1000, e eu ia pagar 1000 pro A. ir junto, nisso tinha uma casa gigante mansão onde eu estava com um amigo e piratas invadiram a cidade e o mundo no caso porque eram piratas que vinham em navios que iam pela terra também, eles eram de madeira e livros, pareciam livros pop-up só que tudo muito imenso, esses piratas eram canibais e eu os ouvi confabulando que iriam comer a princesa, aí eu acordei.

Sonhei que estava em São Paulo e era natal, etsava com muitos amigos de lá e teve um joguinho sexual de cada pessoa sair com uma outra pessoa sorteada, eu fui pra casa com um amigo lindo fiquei e a gente ficou a noite conversando e ele fazendo mil coisas que tinha que arrumar pra uma viagem que tinha que fazer pela manhã, não teve nenhum sexo, pela manhã chegaram muitos amigos que iam viajar junto, eu não ia, peguei minha bicicleta e me materializei num prédio onde encontrei o P., meu amigo de Porto Alegre, fiquei conversando e fui ficando muito tensa, até que um dente meu caiu, e ele estava amarrado numa cordinha meio que costurado com ela, peguei na mão e a bicicleta na outra e fui descendo uma escadaria redonda imensa voando, como se não tivesse degraus e as pessoas em cada andar iam me ajudando com a mão a descer sem atrito e sorriam e eu agradecia e pensava "deve ser o espírito natalino por isso tão solícitas", saí pedalando por São Paulo e eu tava com a bicicleta do D. que é azul e muito pesada, liguei pro D. e pedi uma ajuda, o telefone de um dentista, cheguei na casa dele e estavam 3 amigas minhas lá e eu pedi que elas me arrumassem um freelancer para eu ficar mais uma semana em SP porque estava com saudade, aí eu acordei.

Sonhei que estava com o S. e a I. na cúpula da CCMQ instalando umas coisas e conversando, chovia muito e eu estava com muita dor de cabeça, tanta que ficava meio tonta, então eles disseram que tinham um segredo do cafuné mágico e fizeram uma massagem na minha cabeça que fez sumir todas as dores, fiquei muito leve e forte.

Sonhei que saía de carro com o D., em direção a charqueadas, pela estrada, saindo de Porto Alegre, há pouco tempo, de repente apareceram diversas entradas para casas, sítios, todas para dentro dos morros, como se o morro fosse uma parede, e todas com muita névoa, a gente desceu do carro e foi voando por entre essas casas, que eram muito amarelas e azuis e cheias de flores, o ar enevoado era como uma piscina, a gente flutuava-nadava-voava tudo junto, aos pulos e como se sem gravidade, tinham muitos girassóis, uma casa em particular me deteve por muito tempo, era quase de bonecas e tinham braços que abraçavam a porta, quase-macabro como as bonecas de barro que seguram o queixo, seguimos pela estrada pulando-voando, e então eu acordei

Sonhei que transava com um cara que eu mal conheço, era num hospital tipo numas macas, o legal é que isso dá um sabor pra uma pessoa que até então eu nunca tinha percebido sexualmente.

Sonhei que me mudei pra uma casa, tinham vários amigos nela eu sei mas não lembro quem, eu ajudei a matar uma pessoa e me livrar do corpo, o tempo passou no sonho e não ficou nenhuma preocupação em relação a isso, então eu ajudei a matar outra pessoa e essa pessoa foi colocada em um caixão nos fundos da casa, começou a chover torrencialmente e o caixão ficou submerso, tinha quase 1m de água ali, eu sentia medo que alguém descobrisse, mas não remorso, não lembro dos mortos nem de ninguém.

Eu morava no prédio da minha vó que tinha o tamanho do edifício COPAN, tava com meu amigo W. que faz trabalho de campo com descendentes de maias e ia ajudar ele a publicar a tese no Brasil, o mundo era nazista e tivemos que nos encontrar com uns generais do fuhrer pra apresentar o boneco do livro, eles não aprovaram e eu tive que fugir pulando muitas janelas até que encontrei um riquixá, a guria que levava ele entendeu tudo e me escondeu dentro, me levou até um bairro afastado onde tinha uma resistência e começamos a fazer cópias à mão do livro, aí comecei a sentir minha pele queimando e fiquei pensando que precisava de protetor solar, aí eu acordei e percebi que meu lençol tinha saído e a sensação de queimado era porque estava me raspando no colchão.

Eu tava indo para Berlim e peguei uma carona com uma amiga, a gente ia por uma belíssima estrada de flores amarelas que chegava numa ponte, a gente tinha que passar por baixo da ponde, um local com umas grades dentadas que abriam pra gente passar e dava um pouco de medo mas não muito, então ela me lembrou que eu esqueci o documento e disse vai pegar que eu seguro tudo aqui, nisso apareci em Estocolmo, na piscina de espera do aeroporto, que era a maior piscina do mundo, com dezenas de escorregadores gigantes que vinham de algum ponto muito alto, nessa piscina tinha um assassino que dava tiros por baixo d'água mas parece que eu fui a única a me abalar com isso porque as pessoas continuavam nadando numa boa, fui pro vestiário e encontrei umas meninas com quem fiz meditação no meu aniversário de 2011, uma delas era esposa do A. e eu acordei sem entender nada, bastante cansada.

Era tipo numa região de floresta tropical densa, meio chuvoso, sempre, e o D. levava crianças numas aventuras era incrível, era tipo instrutor de aventuras   
todo mundo q eu conheço vivia lá, e eu tava tirando fotos todo tempo com uma mina e voltava pra deixar as fotos num computador, numa sala meio Jurassic Park, às vezes todo caminho era dentro da água, só com ombros de fora e um clima de alegria sempre.

Sonhei que eu andava numa gangorra num baita sol assim muito suave, então chegou alguém e me perguntou 'então, o que o D. te mostrou?',  
e ai eu só olhei pra minha perna e do meio da coxa saía uma barra de metal que se unia com a gangorra e eu realizei que estava andando sozinha, fui meia gangorra, aí entrou uma luz branca, vi duas focas cor de rosa brilhantes e acordei, acho que na hora das focas eu já estava controlando.

Eu estava em São Paulo, mas ela parecia uma cidade no deserto tipo Timbuktu, mas com os prédios de areia imensos, era como se fosse a terra mas a terra era um planeta diferente, tinham piscinas de água de gel espalhadas por tudo, eu tomei banho em uma, então fui pra casa de uma amiga e usei uma chapinha de alisar o cabelo, conforme eu ia passando meu cabelo ia crescendo lindo e preto e ficou bem longo no final, aí eu acordei.

Sonhei que um cara chamado T. chegava em SP e mudava a vida de um monte de gente .

Sonhei um sonho que eu já tinha sonhado, eu sentada nem um banco de ponto de ônibus com minha mãe, esse banco ficava numa calçada de um bairro meio industrial antigo, sem muitas casas, na nossa frente um muro meio amarelo riscado e sujo, e eu sabia que estava em NY apesar de nunca ter estado lá e não ter nada indicando que fosse lá, era lá...

O planeta terra foi coberto por diversos imensos panos pretos, às vezes eu era o pano, às vezes o chão da terra e também vi em algum momento a terra se afastar muito velozmente pelo espaço enquanto os panos iam a abraçando, os panos eram daquele tecido de exercício circense, e iam embalando a terra aqueles pedaços gigantes, como se fossem seres vivos.

Sonhei com crianças muito pequenas e que minha irmã tentava entrar no meu quarto à força, havia uma cômoda de madeira e uma chave dourada, nos debatíamos na porta.

Sonhei que fazia parte de uma trupe, estávamos em um cruzeiro.

Sonhei que me sentia atraída por outros homens e tinha outros parceiros, tensão, estava com um rapaz alterado com cocaína. brigava com ele, que era violento, e tinha outra garota, mesmo assim eu queria dormir com ele, minha fantasia era uma violência sexual, minha mãe e N. me confortavam, presença feminina.

Brigava com a minha irmã, ela entrava na minha casa com tias e avós, invasivas. Cena com uma atriz, I., ela performava nua, sentada em uma cadeira, eu beijava D., como uma estratégia para roubar sua atenção, achava que aquela cena o excitava.

Morava com meu pai e ele me pedia para fazer algo, sentado em uma mesa cheia de papéis, eu lhe dizia “vou fazer uma monografia, é meu último ano de faculdade, PAI!”, ele compreendeu Estava saindo da universidade, seminua, minha chave estava na ocupação e pedia A. para buscá-la, falava sobre o seminário, que poderíamos convidar antropólogos, cientistas sociais e políticos, para discutir alguns conceitos. Morávamos em um casarão, em uma rua movimentada de Salvador, havia um grande jardim com clima úmido, os portões ficavam abertos. Galeria, escola, caixa de banco. Vi J. que estava diferente, só me certifiquei que era ela quando ela me cumprimentou, usava vestido e batom vermelho. Vi três amigas com um vestido do mesmo tecido do meu cobertor, elas me reproduziam.

Sonhei que minha mãe estava grávida, ela era casada com meu pai e ia conversar com ele, separar-se. Meu pai dizia que ela estava sendo ingênua por ser mais velha e estar apaixonada, grávida de uma aventura. Temíamos uma reação violenta do meu pai, era uma casa de andar, morávamos em Caetité-BA, eu me preparava para fugir, em caso de risco de vida. Eles conversaram e ocorreu tudo bem, eu me preocupava com meu pai, não houve violência física, eu chorava pela separação deles, e beijava o meu pai, queria sair e conversar com ele, que depois era um ex amante mais velho, e depois um rapaz mais jovem, íamos no terraço do prédio e fomos ameaçados pelos vigias. Minha irmã zombava das minhas inclinações homoafetivas, eu dizia para ela que aquilo era bobagem, que eu era bissexual.

Sonhei que estava em um evento público, atravessava um rio para chegar em casa, havia uma cobra. Chegava com um grupo de amigos em casa, tomávamos uma ducha coletiva. Eu era namorada de Tim Maia, ele estava no piso superior, eu queria que ele se divertisse conosco, no seu quarto havia um mezanino e tínhamos medo que ele caísse la de cima, eu estava excitada e queria transar com ele, ele gozou dentro de mim, sem camisinha. Do lado de fora da casa via que era um sobrado de esquina, com um orelhão, simples.

Sonhei que brigava com D., ele tinha outra namorada e não me deixava isso claro. Eles era adolescentes e estavam confortáveis com a situação. Eu queria ir embora, havia um ônibus para Salvador, que eu nunca encontrava. Eu pichava de azul um grande monumento público.

Sonhei que dividia uma quarto amplo com duas irmãs, escolhia o meu lugar próximo de uma janela que dava pra um jardim lateral, ao fundo da casa, que parecia os casarões do centro histórico de Salvador, sentia o cheiro, a sensação, a saudade de respirar e viver em outro lugar. Dançava ao Movimento Autêntico com G., ela interrompeu a dança para falar da consciência como característica essencial do ser humano, eu tentava falar da dimensão do desejo, do inconsciente, da subjetividade, de uma bipolaridade essencial. Buscava um lugar reservado para depilar a minha perna com lâmina e não encontrava, ausência de privacidade. Estava na porta de uma casa de eventos, noturna, e saía de lá gritando que aquele era um lugar para mulheres granfinas e usurpadoras de homens ricos.

Sonhei com M., a sua companheira e seu filho, D. tinha outra namorada, um rapaz me perseguia com uma moto, estávamos nas ruínas de uma igreja e saudade do GIA.

Sonhei que F. e que outras pessoas de Resende-RJ estavam em Riacho de Santana-BA, eu desejava recebê-los, mas estava de tal modo distante que ninguém fazia questão, eles estavam muito bem independentes de mim. Minha mãe brigava com a família porque cozinhava para todo mundo, eu reproduzia o seu discurso. Minha prima andava em um carro sem motorista com minha irmã, ela dormia, eu quis saltar, ela estacionou em uma estrada.

O médico queria ficar comigo, eu o beijava apaixonadamente e com medo de que alguém visse, fingia que estava dormindo na maca, como em uma sessão de acupuntura. Namorava com D. e queria disfarçar que estava afetada por esse encontro, ele desconfiou e sumiu, estávamos no Largo da Dinha, em Salvador, e encontrava alguns amigos de Vitória da Conquista, entre eles D. e os nossos conflitos amorosos. Sensação ruim de que traía e mentia pra D., no sonho me lembrava da opinião de X. sobre isso, sobre não ficar com homens casados, aquilo me soava como uma lição de algo que eu não queria mais fazer. Por fim, molhava umas plantas com uma mangueira em um quintal grande como o da casa da minha avó, havia alguns pneus empilhados, eram dois por planta, elas dentro deles, havia mais pneus do que plantas.

Andava por uma ladeira escura, procurando um lugar que não me lembro qual era, Rio de Janeiro, fomos parar na casa de F., era uma casa simples, comunidade, pessoas. Cumplicidade intelectual com B. a companheira de G., não havia relação com ele.

Sonhei que P. era soropositivo desde a época em que namoramos.

Alguma situação com a dona da casa onde moro, a vizinha, ela espionava suas filhas da minha casa, eu deitava no chão da cozinha, para falar algo que eu não lembro. Na casa da minha avó com D. e minha irmã, ele dava algo para que ela lavasse, o que foi o começo de uma briga, eu lhe dizia que as mulheres não eram escravas domésticas, tivemos uma discussão e tive medo de ser agredida. Em uma ocupação dividíamos quartos, eu D., D., F. e L, queríamos fazer um cineclube. Eu reivindicava mais privacidade em nome da residência efetiva na ocupação, enquanto eles voltariam para o conforto das suas casas após as sessões, todos concordavam. Presenteava M., com lápis e canetas de cor, havia amor entre nós.

No carro com D. e minha irmã, ele só pensava em sexo. Minha irmã dizia que se ele estava pensando que ficaria com nós duas, estava muito enganado, enquanto tocava a perna dele com o seu pé. Ela me confortava apesar da contradição entre seus gestos e palavras.

Sonhei com M., assistíamos a um filme juntos, com P., e mais duas pessoas. Por fim, a tela era uma lousa branca em que eu escrevia algo sobre essa história, como uma performance amorosa. P., me censurava, falei que era uma mulher de 31 anos, que sabe o que faz.

Eu fugia dos meus pais, primeiro do meu pai que duelava com alguém com uma faca, peguei um táxi enquanto ele dava por minha ausência, depois era minha mãe que me perseguia, me irmã estava comigo e a ajudava a me encontrar, eu tinha uma bagagem pesada, eram 3 sacolas, tinha medo de ser roubada nessa noite em fuga.

Sonhei com K.K. e a imagem erótica que ela produzia.

Uma tia morria, família reunida, ela era pequena como uma boneca no caixão, que minha mãe arrumava, minhas tias C. e N. no sonho, briga entre mulheres pobres e travestis. Disputa de autoria com N., sobre o Mantra Digital, no LCCPI. Eu explicava que as ações do LCCPI eram coletivas, sem autoria individual.

Sonhei com A., ele havia guardado uma blusa minha e nos abraçávamos.

Sonhei com Anais Nin, minha gata, ela me mordia.

Sonhei com M. eu o amava, ele tinha queimaduras no rosto.

Sonho recorrente em que estou atrasada para uma viagem, há um descompasso entre mim e o tempo do transporte, minhas malas não estão prontas e as faço às pressas, angústia, não posso esquecer o carregador do celular.

Sonhei que minha irmã confessava ter matado o seu namorado com uma arma de fogo, ela estava triste, crime passional. Ia visitar D., ele havia se envolvido com outras garotas, estávamos em sua casa, eu estava histérica, ele fazia pouco caso do meu drama.

Sonhei que invadiam minha casa, D. estava aqui, a filha da vizinha que é a dona da casa, vinha estender roupas aqui, eu questionava a invasividade dela e chamava a sua mãe, D. era o meu irmão, eles não me escutavam, falavam em nome de Jesus.

Sonhei que D. e D. estavam nus no meu quarto, eles se cruzavam na minha frente, ele a desejava.

Atuava em um teatro que era como uma grande casa, havia uma projeção com uma cena que P. havia gravado antes de morrer, o que atualizava a sua presença, havia várias mulheres com vestidos de época, longos, uma professora da Escola de Teatro da UFBA lia o roteiro que era de P., eu esbarrava nela que me desculpava, gentilmente, eu buscava uma assistência psicológica e havia uma lista de espera com nomes de várias mulheres na minha frente. B, saía da sala onde havia tido um encontro erótico amoroso com a psicóloga, que logo era um rapaz com quem eu fazia um teste vocacional. D, estava ao meu lado e agora estávamos em uma esteira, ao ar livre, o rapaz dizia que ao mesmo tempo que eu era tenor eu era soprano, D. fazia algum comentário irônico sobre isso. Passava de carro em frente a uma garagem em que G. e outras travestis e ativistas do sexo dançavam como uma performance ou um protesto. D. se comportava como se usasse o nosso romance para viajar pelo Nordeste, e eu dizia que ele devia ser mais claro em seus propósitos. Estávamos em uma mesa, debate público, eu dizia em um discurso racional que precisávamos de um novo conceito de Universidade, além dessa estrutura autocentrada que produzia para si, conforme um modelo binário, moderno, que gira em torno do Ensino, em que a Extensão é deixada para segundo plano, não funciona.

Estávamos em uma exposição de fotografia, havia uma performance em que as mulheres deitavam no chão vestidas de branco. B se despia delicada e sensualmente voltada para D. eu a indagava com o meu olhar, ela correspondia negando suas intenções. Eu e D. queríamos participar da performance e ficávamos chateadas por não termos sido avisadas, C. me mostrava peças brancas do seu brechó para que eu pudesse vestir, angústia por não acompanhar o ritmo das coisas. Um rapaz me mostrava um marcador de páginas que ele havia feito, tive uma ideia de vender as minhas poesias escritas ou impressas em marcadores artesanais.

Sonhei que iria tomar a segunda pílula do sua seguinte e ela se dissolvia na água. Eu estava na cozinha de uma casa onde estava tendo uma festa, caos. Por fim eu tomava a pílula dissolvida, duvidando do seu efeito. Ia para a casa de D. ele queria romper comigo mas não tinha coragem para tomar essa atitude, ele estava frio e indiferente. Ele havia escrito uma mensagem pública no facebook em deixava claro que buscaria um caminho individual, havia uma sequência de imagens de conchas, duas que se uniam em formato de coração, até chegar em uma, individual. Eu me sentia refém daquela situação por estar hospedada em sua casa, onde teria que dormir naquela noite. Sua família fazia um círculo ao meu redor, eles me crucificavam, em nome de Jesus, eu rodava como uma pombagira, eles queriam me queimar na fogueira, como um ritual de exorcismo.

Sonhei com P. eu o abraçava com uma saudade imensa, sentia o seu corpo magro e o cheiro da sua pele.

C., professor do … , era coordenador de ... da ... e eu sua secretária, ele decidira que os C. L voltariam, com um mês cada um, eu dizia que ele deveria conversar com a ...Eu estava com o meu chapéu de palha, ele não me dava mais atenção, eu saía fazendo caras e bocas. Estávamos com mais duas pessoas jovens, caminhávamos, eu tentar encostar minha mão na sua, ele não fora receptivo. Comeríamos uma torta, encontrei A. e uma menina em outra mesa, conversávamos. A. corria de patins pelo pátio de uma escola/universidade, havia uma projeção em uma tela grande, eu procurava por N. Um ex namorado, a princípio D., depois G. estava em um orgia e pedia para C. introduzir o dedo em seu ânus, ele o fazia dizendo para eu ficar tranquila. Eu ficava presa em uma árvore enorme, sem galhos e de troncos largos, pedindo socorro, em baixo havia água sem profundidade suficiente para pular.

Eu morava com meus pais, dividia o quarto com a minha irmã, em Barreiras-BA, A. estava hospedado em meu quarto, escondido, tentava entreter meus pais para que A. saísse sem ser notado, por fim minha irmã disse ter ficado com ele, eu a acusava de ficar sempre com os meus amigos. Íamos viajar, eu colocava algumas peças que tinha esquecido na mochila, o toper preto, mais duas pessoas que me lembravam de levar maconha. Furiosa com o sonho anterior, atravessava um canavial contanto as plantas com uma tábua de carne afiada nas laterais.

Concorria em uma seleção de doutorado, S. aplicava a prova, eu não fazia a prova porque não tinha lido Paulo Freire. Piscina com A., e L., amigas da adolescência. A. estava acompanhada por um rapaz, ele também não respeitava o nosso momento. Quartos coletivos, minha irmã no mesmo quarto que eu, que demorava a escolher o melhor quarto e cama, já estavam todos ocupados, eu me sentia sem lugar. No terraço, eu me relacionava com um índio, lembrava de L. que estava me esperando, o índio era meu marido, eu estava com tesão mas não o desejava, minha fantasia era transar com ele por obrigação e traí-lo.

Eu buscava a família de B. que eram todos pistoleiros. Presença angustiante de D., que fazia parte dessa família, medo. Caminhávamos com uma outra pessoa carregando algumas declarações profissionais minhas, que caiam no chão, amassadas. Passávamos em frente a casa da família de R., eles estavam em um caminhão de mudança.

Eu estava em uma casa de santo, uma festa sincrética, Xangô, eu dançava e rodava, havia um santuário católico com lanches e velhinhas rezadeiras. Em Caetité-BA, na rua em que morei na vida real, um rapaz tentava me assaltar, corríamos, ele entrava na igreja com uma sombrinha transparente, disfarçando que rezava, me dizendo para parar de gritar. História de uma garota que foi estuprada ao marcar com possíveis comerciantes para buscar uma encomenda de roupas indianas que eram vendidas mais baratas no Brasil. Conversa com P., na mesa redonda da C.C. eu explicava como se deram a reunião e decisão quanto às questões que lhe competiam, ele ficava insatisfeito com a redução da sua carga horária e salário.

Meu cabelo grande, liso, franja, eu tentava fazer um penteado com uma faixa no banheiro, com minha mãe e outras pessoas da minha família, ela falava alto brigando comigo pela minha magreza, eu a respondia dizendo que estava em meu trabalho, “sua mal educada” voltava para a sala da C.C. e C. estava trabalhando lá, no ponto de ônibus, ele me beijava, eu não queria e lhe dizia “agora não”. Os gatos se feriam uns aos outros, havia um branco, outro arranhado, sangrava.

Eu estava sendo perseguida por um ladrão nas ruas de VDC, noite, eu subia uma ladeira e refugiava no sótão de um casarão antigo, onde era o QG do GIA. G., nas ruas, me falava de L., sua voz evidente. B. chamava por D., o assédio das mulheres era a sua força. A C.C. era o piso superior de uma casa grande, havia pessoas trabalhando, mulheres, eu me sentia invadida, havia um problema na porta e trocariam a maçaneta, certificados do LCCPI.

D. em um quarto com a minha irmã, ela erotizava com uma *langerie* amarela, cama, guarda roupa, espelho, ele atrás dela, multidão, viajamos em grupo, D. longe de mim, eu o procurava, ele estava distante. Subíamos em uma árvore grande com galhos finos. Piscina, R.A. me cumprimentava pelas costas, me convidava a abraçá-lo na água, pulávamos na piscina. Eu te dava um selinho enquanto seu afeto não era esse, beijo de laranja. D. apareceu, chegava com um pessoal, me procurava, eu me escondia dele, no andar de baixo, no cômodo ao lado, dança circular, os dançarinos me convidavam a entrar na dança, eu não queria entrar no meio da dança que já tinha começado.

Uma reunião com a P. argumentando a CH dos CL, a diferença entre o tempo da cultura e da administração. Ondas gigantes invadiam a cidade. Eu acessava um teatro que era anexo de uma casa onde M. havia morado. Acessava a mansão de uma mulher, corredores e portas de vidro. Eu fugia de um rapaz que invadia a casa atrás de mim. Ele me via debaixo da mesa, namorados. No atelier dessa casa, com as mulheres, uma matriarca me dava materiais para costurarmos calcinhas artesanais.

Casa da minha avó, D. era o meu irmão, que levava “aquelas meninas” para dormir lá, eu os encontrava pela manhã, por fim eu denunciava todo o machismo que sofri e batia em uma delas, que vendia brincos de plástico. No guarda-roupa encontrava diários antigos.

Estava em R. com D., em uma oficina de palhaço, I. estava lá, também. Em outra oficina, a presença dela, eles vestiam a mesma fantasia, eu pensava que ela estava lá para encontrá-lo, eles tinham um caso, ele não abria o jogo comigo e me ignorava, eu batia nela em uma sala de aula, sua cabeça sangrava, e saí fugida da polícia, atravessava faixas de pedestre em busca de um táxi, em feiras.

Eu morava em uma tribo, crianças corriam e nos escondíamos dentro de casas redondas, ataque, invasão. Eu mal cuidava de um bebê muito pequeno, enrolando em panos, gatos. Na feira, as EP, compartilhamento de espaço, fendas. Acordei com uma voz masculina chamando o meu nome nos sonhos.

Eu era um pássaro, um colibri, voava e voava, buscava o mais alto, embaixo um intenso movimento cultural. Os gatinhos machucados pela mãe, sangravam. Estava em uma instituição de ensino, particular, P., G. e outras pessoas produziam um movimento, eu deixava a sala da C.C. e acompanhava o acontecimento, piscina, eu estava no alto e queria mergulhar. Escorregava em um rio corrente, onde performaria um poema, vestida de branco, grupo. Em meio à multidão, J.G. e a lembrança de P., sentia meu rosto repousar em seu peito, chamava M.F. de M.J., eles sumiam.

Eu me masturbava em meio a uma poça de argila, desejando B. e seu irmão. Estávamos em uma festa onde apareciam amigas antigas de Barreiras, Salvador, etc. Eu era casada com um homem que não amava, mesmo assim eu queria satisfazê-lo. Ele estava com tesão e me ameaçava com uma faca. Eu o esfaqueei e fugi. Estávamos em uma casa de andar que morávamos em Caetité, eu selecionava poucas coisas rapidamente para ir embora antes que descobrissem o assassinato, fui para um posto pedir carona com um caminhoneiro. Infelicidade por morar na MP que mais parecia um deserto.

Eu tinha um companheiro mais velho, italiano, eu gostava dele, estávamos na casa da minha avó, brigas, eu me sentia envergonhada por isso, brigava com minha mãe, ciúmes da minha irmã. Buscávamos um restaurante para almoçar, eu brigava no restaurante, cortava os cabelos crespos de uma garota.

Na casa de D. que era uma mansão, ele distante, fugia de mim. Em uma papelaria, eu estava com algumas amigas, ele estava na fila com outra garota, eu do lado de fora, parede de vidro, ele fingia não me ver. Ainda na sua casa, eu era a sua namorada, e havia perdido o ônibus de volta, que era 20:45h, procurava a passagem nos bolsos de sua calça jeans, limpa, havia inúmeras chaves isoladas, antigas, e uma passagem de avião em nome de B. Eu transava com um rapaz que tinha tentado me penetrar sem camisinha, depois vi que havia bolhas de HPV em seu pênis.

Estava com A. e B., eles me convidavam a ir em seu apartamento que ficava no centro. Era B que morava lá, com um outro rapaz, mas ela não foi com a gente. B me falava que teve infecção urinária. O apartamento era grande, luxuoso, da janela eu via o mar e o morro, paisagem do Rio de Janeiro. Quando fomos embora, pela noite, uma ladeira escura, um homem me perseguia, chamei A. que estava mais a frente, não estávamos juntos. Para despistar o homem entrei em um casarão onde havia uma atmosfera familiar, com a família de P uma grande cena com muitasluzes, J. agradecia a minha presença no microfone, havia uma atmosfera solene. Em um quarto dançávamos loucamente, D. estava lá, eles reclamavam que eu batia no guarda-roupa.

Entre viagens e festas com amigas, presença de S., dormíamos eu, D. e outra pessoa em uma cama de casal, ele acordava, reclamando de mim, dissabor, por fim S. me dizia que eu estava insuportável, constrangimento pelo nosso mal estar social.

Fazia do chão do antigo banheiro da casa da minha avó um escritório, meus documentos molhados em uma vala, pequenos objetos dourados, blusas de lã.

Estava no RJ, em um grupo de debate, G. ao meu lado, tínhamos uma boa relação. Eu não sabia voltar para casa, não tinha os endereços de ida e de volta, nem contatos no celular, em um pátio, três garotos tentavam me assaltar, policiais me advertiam do perigo. Na cama da minha mãe, em uma casa de andar, eu fazia sexo oral em uma garota, T., minha mãe chegava e disfarçamos. Eu tinha escarificações no corpo, como um jacaré.

Calçadas extensas e igrejas enormes. Mulheres tocavam piano. P. me ensinava uma música. Eu ficava responsável por fechar a porta principal da igreja e não conseguia fechar direito. Eu falava em um microfone, que era ouvido na assembleia do sindicato, em outro lugar, sobre direita, esquerda e centralidade do poder. V. e C. me atrapalhavam. Em um passeio, no rio, um fotógrafo me registrava e saíamos juntos.

Sonhei com o projeto de doutorado, com os estudos sobre o silêncio. Sonhos lésbicos com P.

Um casamento em crise. Morávamos em um pequeno apartamento, havia um santuário na porta de entrada, minha irmã no apartamento, eu me masturbava imaginando eles, que tomavam banho em banheiros separados, eu estava em um leito, usava pó dourado nos lábios, ele me dizia que L. tinha feito massagem nele, que queria procurar a massagem de um amigo, ciúmes, desencontro, ele não tinha identidade.

X. havia roubado uma televisão, eu a denunciava e fomos juntas à delegacia, ela foi presa e eu senti remorso. Chegava de viagem no RJ, na casa de D., cumprimentava o pai dele com um abraço, ele estava com a sua irmã, eu brigava com ele sem razão, queria que ele lesse um livro, pegávamos uma carona, eu telefonava para L. fazer um almoço pirata pra gente, minha irmã demorava a escolher o prato, estávamos na casa de L., em Salvador, ele descia a escada com D., ela havia dito para ela que eu estava esperando por ela, que se arrumou, clima amigável, sentia saudade de D., telefonava para ele que estava de viagem, sensação de perda por ter demorado a lhe chamar, olhava no espelho meu dente em decomposição.

Reunião de pessoas em uma casa de andar, eu tinha que subir uma escada, dentro de um bar, por duas vezes, vestia um short branco e imaginava o assédio dos homens atrás de mim. Lá em cima nascia uma criança, uma amiga da minha irmã mostrava uma foto dela no RJ com os “seus amores”, palavra da amiga. Namorava com D., uma garota me apontava ele beijando outro rapaz, “a minha namorada está olhando”, do corrimão do andar de cima eu gritava que não havia problema o beijo, mas a negação desse desejo. Minha bicicleta estava sem freio, a abandonava em uma ladeira por três vezes, ele se acoplava em um outro veículo automaticamente e sempre voltava para mim, polícia.

Morávamos em uma ocupação, eu, minha mãe e irmã, dormíamos em colchões com outras tantas pessoas. L. A. estava lá, e eu tentava me aproximar dele, mas ele ignorava o meu interesse. Na casa da minha avó, reunião de pessoas, um rapaz bonito me chamava para conversar no quarto, ele era um vampiro e queria me morder, pedi que não fizesse isso e prometi que lhe daria um copo de sangue de fígado na meia noite. Na cozinha, todos jantavam canjica enquanto ele me fitava avidamente. Em minha casa, D. saiu com o rapaz sem saber que ele era um vampiro, foram para o bosque de eucalipto, eu sentia remorso por não ter lhe dado o sangue que prometi e não ter avisado a D. que ele era um vampiro, eu estava ansiosa para voltar para a ocupação. I. estava na porta da casa vizinha com uma saia longa e um cinturão que parecia um gato que ele carregava com as mãos sobre o ventre. Na sala de uma casa espaçosa, sentada no braço de um sofá vermelho, havia um casal no outro lado do sofá, uma garota branca cheia de bolas vermelhas na perna passava por nós, uma amiga estava encostada em mim, seu namorado a beijava enquanto passava as mãos nas minhas pernas, nós dois entrávamos dentro um vídeo onde éramos índios e duelávamos com escopetas.

Morava com a minha família, tentava me situar nos cômodos de uma casa espaçosa, inacabada, dizia para minha mãe como era insuportável viver em família. Tínhamos uma gata de barriga branca que parecia estar ferida, sexualmente. Eu corria de patins pelas ruas de VDC, tinha um compromisso. Finalizando projeto de tese.

Eu e I. nos abraçávamos, carinho, sentados, lado a lado, em uma superfície encostada na parede, plano baixo. Um sequência de fotos 3x4 de F.S., que ela havia tirado a cada década.

Corria por ladeiras de paralelepípedo, noite, atravessava uma roda de mulheres e todas elas caíam no chão.

Índia, estava em um banheiro público, com diversos cubículos de barro, escuros, em frente a um espelho largo atrás das pias, sob uma luz branca, com um rapaz mais jovem, eu tirava a minha *legging* preta para ele fazer sexo oral em mim, depois estávamos entre uma multidão, ao redor de uma estrutura agrícola, retangular, extensa, feita de cimento, com uma vala no centro, sem profundidade, estávamos frente a frente e nos olhávamos, eu queria continuar a brincadeira. Ele tinha pele dourada e olhos claros. Fui lançada na fenda e depois I. também, nos cumprimentávamos de maneira simpática. Caminhava por uma feira livre, com D. frutas e verduras, ela não estava bem, me dizia que estava doente e me guiava até um ponto bastante específico da feira, de onde a porta principal era minha referência, tive um *dejavur* de que aquele era um ponto de encontro desde outros sonhos. Caminhava por ruas desertas e escuras com minha mãe, ladeiras de paralelepípedo, em busca de um ônibus que estaria em cima de alguma delas, à esquerda.

Encontrava alguns colegas do mestrado em uma praia do litoral norte da Bahia. Estava presa em cima de um entulho de madeira, encostado em uma parede, ao lado de uma janela de vidro, onde um morcego chupava o meu sangue pelo ombro esquerdo. Um rapaz me ajudava a descer, sentia atração por ele. Meu tio disse que não iria administrar a reforma da sua casa acusando a minha prima, que era sua nora, primeiro de preguiçosa e depois de negligente. Meu pai me convidou para sairmos juntos, eu disse que iria torcer umas roupas, primeiro, o tempo passou, noite, e perdi o passeio, havia roupas dele no tanque e de outras pessoas no varal.

Estávamos em uma grande casa, reunião de pessoas. Eu estava com M., que me guiava pelos espaços, me conectando com os acontecimentos. Ela me dizia que J. estava interessada em mim. Me sentia lisongeada pela garota mais encantadora que já conheci. Com a minha família, eu ocupada os quartos que não eram meus, na minha bagagem havia levado uma concha de louça e um quadro pequeno, cheio de perfurações atrás, estava com minha irma e minha prima, minha mãe na porta relatava um briga em que meu irmão teria feito ameaças físicas ao meu avô, pelas suas ofensas verbais, “erradíssimo”, falei. Sentada em uma mesa, com outra pessoa, G. voltava do hospício, vestindo bermuda e camisa gola polo azul, com um chapéu e uma mala. Trocávamos um olhar grave, silencioso, elx seguia.

Gravávamos uma cena na enfermaria de uma maternidade, eu tinha o cabelo longo e pedia para antecipar minha atuação porque tinha que voltar para a U., conversava com D. sobre a greve, havia uma cumplicidade entre nós duas. Sabonetes de glicerina coloridos. Roubavam a minha bicicleta.

Me relacionava com D., e reclamava insatisfação sexual, estávamos em um banheiro, depois em um quarto, em uma cama de solteiro, sentia o calor do seu corpo, pedi que ele me penetrasse, apareciam outras pessoas que interrompiam o nosso ato, eu ia para o meu quarto, que era amplo, tinha dúvidas sobre abrir ou fechar a porta, havia movimento na casa, eu queria ficar lá dentro, na minha, arrumando as minhas coisas.

Sonhos amorosos com os rapazes que se aproximam de mim.

Sonhava que estava com um *collan* e um bambolê pretos, caía de paraquedas em uma arena onde havia um grupo de dançarinas que iriam apresentar um espetáculo, um professor da graduação me dizia que eu não ia participar, na saída da arena, multidão, outra pessoa me dizia a mesma coisa, eu respondia que eles podiam ficar tranquilos, que eu já tinha tirado o meu cavalinho da chuva e não me interessava o espetáculo.

Sonhei que estava deixando uma instituição de ensino, me desfazendo dos fios de barbantes brancos emaranhados em meus pés.

Eu me relacionava com uma garota, estávamos hospedadas em uma mesma pensão, separadas por uma área aberta, eu ia ao seu encontro, ambiente familiar, uma roda de pessoas em prosa na antessala do quarto dela, que estava em movimento cotidiano, ela foi até o meu quarto, que tinha pelo menos um guarda-roupas e três camas de solteiro, ela me explicava que para ela estava sendo mais fácil a nossa separação pois ela estava se relacionando com outra pessoa, eu fingia compreender e aceitar a situação, na porta de saída eu a atacava, passional, tentava seduzi-la na cama, ela se levantava dizendo que iria fechar a porta para ficarmos mais à vontade e fugia das minhas garras, eu a olhava com um distanciamento entre a minha posição e a dela, tinha consciência da minha perspectiva e da dimensão do espaço, me sentia triste e resignada por ter que deixá-la partir, afinal.

Havia uma composição entre minha família e a família de A., relação indireta com ele, A. dirigia um carro e eu estava sentada no banco atrás dele, de mãos dadas com o seu filho, eu dormia na ante sala do quarto deles, A. tinha insônia, meu sono em vigília, minha irmã no quarto ao lado produzia sabonetes artesanais embalados em delicadas caixinhas cor de bebê, ela reclamava daquilo como uma obrigação familiar. Meu irmão, ambiente escuro, uma luz sobre as Epístolas Profanas em cima de uma mesa, L. no caminho do bosque, todos acompanhados, irmandade.

Antigos professores da graduação me diziam que eu estava sendo processada na Universidade por tráfico de drogas ou algo do tipo, estávamos em um grande salão onde seriam exibidos uns filmes, eu estava sentada no chão, atrás da cadeiras, ao fundo, três homens, um após o outro, me diziam que eu não poderia ficar ali, havia *pizzas* e refrigerantes, eu procurava uma cadeira no meio do salão, havia algumas cadeiras vazias mas eu não sentava, as cadeiras não estavam ordenadas, uma garota corrigia meu suspensório direito, que era um *hardware* de computador ou uma ratoeira, eu ficava em pé, sem lugar na multidão. Eu estava de carona com E. e outro amigo, estávamos na entrada de uma universidade, em umas curvas, eu pedia para ele desacelerar o carro, trocávamos um olhar profundo, silencioso.

Sonhei que a morte era uma entidade viva e personificada, que estava sentada de costas, ao meu lado, enquanto eu dormia.

Queda de uma ponte anunciada em um telejornal, que teria custado R$ 15 mil, feita de arcos de concreto, cinza. Imagem da ponte caindo e passagem de um caminhão preto e outros carros grandes que vinham e caiam atrás dele. Eu estava arrependida por ter feito grandes tatuagens em meus braços, no esquerdo havia um pequeno verso, no direto um longo pergaminho com teoria literária em cima e braceletes coloridos e mal pintados em baixo, que eu disfarçava com outros de bronze e pedras, sobrepostos.

Atravessava um shopping, em Salvador, havia passarelas volantes só para japoneses, crianças e jovens, eu procurava a saída do shopping onde eu já havia estado em outros sonhos, havia duas saídas, uma para a Federação outra para a Barra. Eu estava com D. em uma cama de solteiro de madeira, simples, no quarto da frente da casa dos meus avós, meu avô entrava no quarto para cumprimentá-lo, eles saiam e me deixavam sozinha no quarto, encontrei D. no quintal, ele estava de cócoras sobre uma bacia estendendo roupas no varal, uma empregada doméstica atravessava o pátio, da varanda eu lhe jogava uma toalha para lavar, a casa estava cheia, eu me sentia desconfortável e não confiava dele. Morava em uma apartamento com minha família, meu pai estava imóvel sentado em frente à janela, de costas, eu acariciava a sua cabeça, rosto e pescoço, sem pelos. Minha irmã subia na janela e forçava o seu corpo contra a superfície de vidro, eu arrancava ela de lá e batia na sua cara, ela era loira, infantil, com óculos cor de rosa claro, eu buscava a minha mãe que estava sentada na mesa da cozinha com o meu irmão, atravessávamos o corredor de volta à sala enquanto eu dizia que se minha irmã queria se matar era melhor pular da janela, procuramos por ela e não a encontrávamos, vi o vento da janela e corri, assustada para ver se ela tinha se jogado, vi seu corpo dilacerado lá embaixo como uma boneca de louça pequena com buracos de sangue. Eu transava com um médico e professor que eram carecas e por quem eu tinha muito desejo, eu beijava o professor em um segundo encontro. Recebia uma mensagem de B., no celular, pedindo desculpas por alguma coisa e confortando a minha solidão.

\* Reunião dos sonhos coletivos publicados em grupos de redes sociais e listas de discussão de e-mails, por participantes do Tecnoxamanismo e do Laboratório de Corpo-Criação-Performance-Interferência, em 2014 e 2015.